



Caderno CRH

ISSN: 0103-4979

revcrh@ufba.br

Universidade Federal da Bahia  
Brasil

Alfaro Rubbo, Deni Ireneu  
UM CLICK NOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: mobilizações, redes e  
intersecções  
Caderno CRH, vol. 24, núm. 62, mayo-agosto, 2011, pp. 447-448  
Universidade Federal da Bahia  
Salvador, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347632184014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2010. 190 p.

**UM CLICK NOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: mobilizações, redes e intersecções**

*Deni Ireneu Alfaro Rubbo*

Especialmente na última década, as discussões em torno dos movimentos sociais ficaram restritas, através da maior parte da comunidade científica brasileira e latino-americana, a temas relacionados à “institucionalização” das práticas coletivas civis. Na contramão dessa literatura, o novo livro de Maria da Glória Gohn (2010) é um convite instigante para a compreensão da heterogeneidade dos movimentos contemporâneos, pois mapeia as formas mais gerais de demanda e de lutas, suas práticas articulatórias e, desse modo, cria pontos de diálogo, intersecções. O objetivo do livro, como enuncia a socióloga, não é a tarefa de catalogar os movimentos sociais da atualidade, mas apresentar uma “foto” recente do universo social das ações coletivas condensadas em movimentos sociais e em redes de mobilizações para, com isso, mostrar ao leitor que é preciso “atravessar o rio para conhecer o outro, o diferente”, como fez o rebelde Che Guevara.

Para tanto, coube à autora, em um primeiro momento, recuperar a conjuntura social através das categorias analíticas que se destacam no debate da sociologia dos movimentos sociais no Brasil e na América Latina. O desdobramento está assentado a partir das experiências históricas recentes dos movimentos sociais (campesino-indígenas, étnicos, insurgentes): eles não são, segundo as palavras da autora, “apenas reativos”, mobilizados tão somente por necessidades, mas igualmente exercem uma “reflexão sobre sua própria existência”, incorporando, em medidas crescen-

tes, um campo de temáticas amplas que perpassa a totalidade das instâncias reguladoras da vida social. As ações coletivas atuais, para a autora, seriam expressões concretas de *ressignificação do ideário iluminista*, ancorado nos pilares da igualdade, fraternidade e liberdade: “a igualdade é ressignificada com a tematização da justiça social; a fraternidade se retraduz em solidariedade; e a liberdade associa-se ao princípio da autonomia – da constituição do sujeito, não individual, mas coletivo.” (Gohn, 2010, p.16). Tais convulsões sociais contemporâneas estariam associadas a uma mesma conjuntura de internacionalização dos processos econômicos e culturais, reconfigurando, igualmente, uma nova morfologia na geopolítica contemporânea, na medida em que o “alargamento das fronteiras dos conflitos e tensões sociais” impõe-se de maneira mais nítida.

As metamorfoses conjunturais foram acompanhadas, também, por recriações no campo conceitual. Observando a emergência dessas novas categorias, a autora traça um breve mapa da produção teórica atual sobre os movimentos sociais, apontando as principais mudanças ocorridas em, pelo menos, quatro categorias, a saber: o *território*, que, em um primeiro momento, seria associado a um espaço físico, passando doravante a se articular “à questão do direito e a disputas pelos bens econômicos”, ao passo que também assume pontos de contato com as chamadas redes, transpondo as fronteiras nacionais e formando novos espaços de luta; a categoria *identidade*, por outro lado, não mais estaria “definida de acordo com o posicionamento dos membros de um grupo social” (p.31), ou seja, pré-construída, mas seria agora uma identidade em construção, modelada para a inclusão de determinados sujeitos, concatenados no processo de luta, no campo do possível; a *rede social* aparece como outra categoria, quicá até mais importante que o movimento social. Todavia, a larga utilização do conceito de rede social provocaria, constata a autora, uma polissemia da categoria – além de recorrente modismo e ecletismo vulgar –, dificultando, em certo sentido, sua compreensão. Diante disso, desta-

ca as principais matrizes teórico-analíticas sobre as chamadas redes e – apoiando-se nas ponderações de Ilse Sherer-Warren – as considera como “uma possibilidade de retratar a sociedade civil, captando uma integração de diversidades.” (p.33). De todas elas, a categoria *política* talvez seja a que mais sofreu alterações no escopo teórico: o perigo de seu total esquecimento, como já preconizava Hannah Arendt há décadas, parece não ter sido perturbado pelas modas teóricas que decretaram seu colapso. A política tornou-se, então, sinônimo de pertencimento ao círculo vicioso constitucional, na sonolenta rotina da gestão e da regularidade institucional. A “privatização” do mundo proporcionou um estreitamento do serviço público e do bem comum. No entanto, os segmentos subalternos da sociedade civil passariam a reabilitar a política como ponto estratégico, transformando-a na “arte de negociação”, não deixando de ser a “reivindicação da parte dos que não tem parte”, conforme assinalou Jacques Rancière.

A partir dessas considerações conjunturais e analíticas, a autora procura mapear os protagonistas que emergem nesse novo cenário brasileiro, focalizando áreas temáticas e seus eixos de manifestação. Esse mapeamento explicita um novo quadro de associativismo brasileiro, dividido em três blocos: 1) a luta por direitos sociais, políticos, econômicos e culturais, protagonizada majoritariamente pelos “de baixo”: mulheres, afrodescendentes, índios, grupos de imigrantes, camponeses etc.; 2) a luta por melhores condições de vida e trabalho, de acesso e condições para terra, moradia, saúde, emprego, salário etc.; e 3) os movimentos transnacionais cuja maior expressão é o Fórum Social Mundial, que atuam em fóruns, plenárias, colegiados e articulam-se, dessa forma, com outros movimentos e são, na avaliação da autora, “a grande novidade deste milênio”. Seja como for, os movimentos sociais e as mobilizações civis, não raras vezes, penetram e interagem nesses três blo-

cos, como, por exemplo, o *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* (MST) e a *Via Campesina*, expressões dessa prática articulatória múltipla, desenhando, nesse quadro, um *emergente internacionalismo das forças sociais camponesas*.

A autora examina, portanto, dez eixos temáticos: (1) movimentos sociais em torno da questão urbana e que atuam especialmente na questão da moradia (articulados no plano institucional ou em redes de movimentos populares), contra a violência urbana (nas assim chamadas áreas periféricas e em zonas de favelas) e na prestação de serviços públicos (educação, saúde e transporte público); (2) movimentos em torno do meio ambiente, com destaque dos movimentos ambientalistas, articulados em escalas locais, regionais, nacionais e internacionais, cujo principal tema é a defesa de recursos naturais como a água; (3) movimentos identitários e culturais: gênero (mulheres e homossexuais), étnico-raciais (afrodescendentes e indígenas) e gerações (jovens e idosos); (4) movimentos de demandas na área do direito, especialmente em Direitos Humanos (nos presídios, presos políticos e situações de guerra); (5) movimentos ao redor da questão da fome; (6) mobilizações e movimentos na esfera do trabalho (sindicais, contra o desemprego e na produção alternativa da economia solidária); (7) movimentos decorrentes de questões religiosas; (8) mobilizações e movimentos rurais; (9) movimentos sociais de comunicações; (10) movimentos sociais globais (aglutinando boa parte dos anteriores).

Pois bem: o grande mérito da obra é dar uma visão ampla de um conjunto altamente complexo e multifacetado das formações contemporâneas relacionadas às práticas dos movimentos sociais, em diversos territórios, servindo como um instrumento precioso para todos os estudiosos do assunto. A fotografia está batida e o rio está sendo atravessado.

(Recebido para publicação em 09 de setembro de 2010 )  
(Aceito em 15 de dezembro de 2010)

**Deni Ireneu Alfaro Rubbo** - Mestrando em Sociologia pela FFLCH-USP e bolsista CAPES. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em teoria marxista. Atua principalmente nos seguintes temas: marxismo, pensamento social, José Carlos Mariátegui, camponeses, internacionalismo, América Latina e MST. Integra o Laboratório de Estudos Marxistas (LEMARX) da USP. É autor de artigos e resenhas publicado nas revistas *Antítese*, *Plural* (USP), dentre outras. deni\_out27@uol.com.br